

Uso das Tecnologias da Informação e Comunicação para Fins Pessoais no Ambiente de Trabalho Sob uma Perspectiva Bibliométrica e Sociométrica: Panorama da Produção Científica no Portal da CAPES

BIBIANA GIUDICE DA SILVA CEZAR

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA - UNIPAMPA (UNIPAMPA)

PAULO VANDERLEI CASSANEGO JUNIOR

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA - UNIPAMPA (UNIPAMPA)

USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO PARA FINS PESSOAIS NO AMBIENTE DE TRABALHO SOB UMA PERSPECTIVA BIBLIOMÉTRICA E SOCIOMÉTRICA: Panorama da Produção Científica no Portal de Periódicos da CAPES

INTRODUÇÃO

Desde os primeiros inventos e contribuições digitais, vive-se em um paradigma tecnológico em constante evolução organizado em função das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) que penetraram “em todos os domínios da atividade humana, não como fonte exógena de impacto, mas como tecido em que essa atividade é exercida” (CASTELLS, 2009, p.88). As TICs podem ser definidas como o conjunto integrado de mecanismos tecnológicos que combinam hardwares e softwares para gerar, reter, manipular, transmitir, difundir, trocar, manifestar e utilizar a informação em suas diversas formas, de diversas fontes, para diversos receptores, propósitos e interesses (PINOCHET, 2014).

Ao analisar esse contexto especialmente pela perspectiva organizacional, pode-se constatar uma ampla e crescente inserção das TICs nas dinâmicas primordiais das organizações, o que refletiu na simplificação e melhoria de múltiplos processos e, conseqüentemente, nas suas performances e nos serviços e produtos oferecidos (PINOCHET, 2014). Atualmente, essas tecnologias consistem em ferramentas elementares para o crescimento e desenvolvimento das organizações visto que proporcionam maior agilidade, conexão e dinamicidade (RINKER; BESSI, 2015).

Entretanto, esse contexto tecnológico repleto de possibilidades traz consigo novos desafios. No ambiente de trabalho digital, ao mesmo tempo em que emergem novas oportunidades de negócios e processos, questões relacionadas às relações de trabalho, comportamento dos indivíduos envolvidos e produtividade podem vir a preocupar as organizações (JANDAGHI et al., 2015; GABRIEL, 2018).

Tais questões tornam-se críticas quando a linha tênue entre o profissional e o pessoal ou o adequado e o inadequado é excedida impactando a organização e seus integrantes. Nesse sentido, aponta-se o uso das TICs para fins pessoais no ambiente de trabalho, cujos indivíduos aproveitam-se do acesso a essas tecnologias durante o expediente para engajar-se em atividades particulares não relacionadas a finalidades laborais (LIM, 2002; WHITTY; CARR, 2006; ASKEW et al., 2014).

O uso das TICs para fins pessoais no ambiente de trabalho é um fenômeno cada vez mais recorrente na sociedade contemporânea. De acordo com Lumium (2017), dentre uma amostra de 80 empresas brasileiras, 90% dos colaboradores pesquisados utilizam as TICs no trabalho para atividades pessoais todos os dias despendendo, em média, 72 minutos por expediente. Dentre esses dados, as práticas de uso das TICs para fins pessoais no ambiente de trabalho mais recorrentes foram o uso de redes sociais virtuais, pesquisas na web, acesso à portais de notícias e conteúdos e compras online (LUMIUN, 2017).

Tendo em vista os aspectos salientados anteriormente, este estudo surgiu a partir da seguinte problemática: Como se encontra o panorama atual de pesquisas científicas sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação para fins pessoais no ambiente de trabalho? Sendo assim, almejando contribuir para o conhecimento acerca do tema supracitado, a presente pesquisa tem como objetivo geral analisar a produção científica sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação para fins pessoais no ambiente de trabalho por uma perspectiva bibliométrica e sociométrica.

Piotrowki (2012) propôs um estudo semelhante ao realizar um levantamento bibliográfico na base de dados PROQUEST, identificando 62 artigos internacionais que especificaram o tema. Sendo assim, pretende-se com a presente pesquisa complementar o trabalho do autor analisando a produção acadêmica no Portal de Periódicos da CAPES

identificando o cenário científico atual sobre o uso das TICs para fins pessoais no ambiente de trabalho, além de contribuir teoricamente para a temática e estudos futuros relacionados.

O presente artigo está estruturado em cinco seções principais, sendo esse primeiro uma breve introdução e contextualização do uso das TICs para fins pessoais no ambiente de trabalho, juntamente com o objetivo geral a ser auferido. Em seguida, apresenta-se o referencial teórico abordando os conceitos principais acerca do tema, os procedimentos metodológicos adotados, os resultados obtidos e, por fim, as considerações finais.

2. USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO PARA FINS PESSOAIS NO AMBIENTE DE TRABALHO

Considera-se uso das TICs para fins pessoais no ambiente de trabalho todo ato voluntário por parte do trabalhador em aproveitar-se de seu acesso a essas tecnologias durante o expediente para engajar-se em atividades particulares não relacionadas a finalidades laborais (LIM, 2002; WHITTY; CARR, 2006; ASKEW et al., 2014). Conforme Lim (2002) e Blanchard e Henle (2008) esse comportamento envolve o uso do tempo cujo os trabalhadores dispõem para executar e cumprir suas demandas profissionais ao desfrutar das TICs, tanto as particulares como as de propriedade corporativa, em práticas consideradas pelas normas organizacionais como alheias ao trabalho. Ao sondar a literatura sobre o tema, pode-se mencionar variadas terminologias e expressões citadas por diferentes autores para referir-se ao uso das TICs para fins pessoais no ambiente de trabalho como *cyberloafing* e *cyberslacking* (ambos podendo ser traduzidos para cibervadiagem), *personal web / internet use at work* (uso pessoal de internet no trabalho), *non-work-related computing* (uso de computador não relacionado ao trabalho), *internet abuse* (abuso de internet) entre outras (CHOU; SINHA; ZHAO, 2008; KIM; BYRNE, 2011; JANDAGHI et al., 2015).

Kim e Byrne (2011) explanam que o uso das TICs para fins pessoais no ambiente de trabalho pode apresentar-se de três formas distintas. A primeira, nomeada Sem Propósito Definido, consiste em uma utilização pessoal improdutiva e supérflua das tecnologias geralmente para evitar atividades ou trabalhar de forma mais lenta. Já a segunda, intitulada Estratégico, trata-se de um uso pessoal das tecnologias para auferir objetivos pessoais, mesmo que não sejam os mesmos objetivos da organização. Por fim, tem-se a forma Problemático de uso pessoal das tecnologias no ambiente de trabalho que geralmente provem de questões patológicas ou intenções maliciosas, acarretando em consequências negativas (KIM; BYRNE, 2011). Blanchard e Henle (2008), por sua vez, classificam o uso das TICs para fins pessoais no ambiente de trabalho em duas esferas: inócuo e grave. O uso inócuo pode ser considerado mais brando e menos prejudicial, envolvendo atividades geralmente mais rápidas e com menor poder de distração e atração enquanto o uso grave abrange práticas que costumam reter a atração dos indivíduos por mais tempo, além de ocasionar consequências mais sérias (BLANCHARD; HENLE, 2008).

Almejando uma compreensão mais profunda do uso das TICs para fins pessoais no ambiente de trabalho, estudiosos do tema vêm buscando identificar os fatores que suscitam ou contribuem de alguma forma para a ocorrência do comportamento. De acordo com Jandaghi et al. (2015) esses podem ser organizacionais e laborais, referentes a aspectos externos suscitados pela dinâmica da organização, ou individuais, alusivos a aspectos pessoais e intrínsecos ao indivíduo. Nesse sentido, Mercado, Giordano e Dilchert (2017), em seu estudo, elencam variáveis que antecedem o uso das TICs para fins pessoais no ambiente de trabalho: personalidade do indivíduo, autocontrole, satisfação com o trabalho, aborrecimento no trabalho, justiça organizacional, empoderamento e autonomia, acesso as tecnologias, normas subjetivas e fatores sociais, consequências percebidas, entre outras.

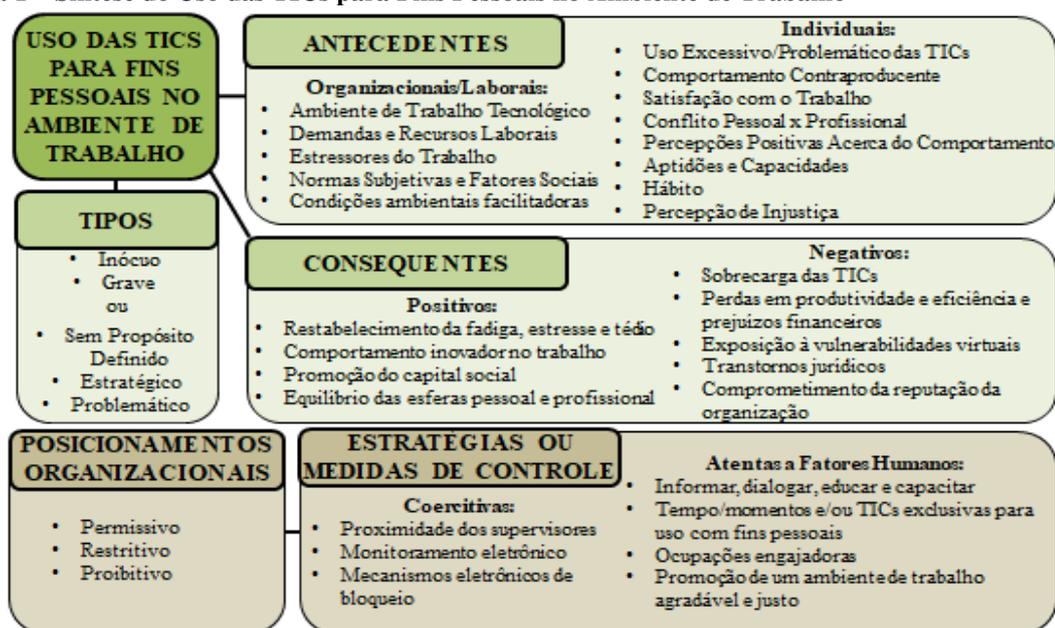
Além de compreender seus possíveis antecedentes, há a necessidade de explorar os possíveis consequentes do uso das TICs para fins pessoais no ambiente de trabalho, que podem ser analisados por uma perspectiva negativa ou positiva (OZLER; POLAT, 2012).

Como efeitos negativos do fenômeno pode-se citar perdas em produtividade, eficiência e financeiras, exposição a vulnerabilidades virtuais, transtornos jurídicos, entre outros (OZLER; POLAT, 2012; JANDAGHI et al., 2015; HADLINGTON; PARSONSS, 2017) enquanto considera-se efeitos positivos o restabelecimento do trabalhador em situações de fadiga, estresse e tédio, promoção do capital social e equilíbrio pessoal x profissional (OZLER; POLAT, 2012; JANDAGHI et al., 2015; CAO et al., 2016; SOH; KOAY; CHEW, 2017).

Sendo assim, é importante analisar os diferentes posicionamentos organizacionais em relação ao uso das TICs no ambiente de trabalho, que podem ser permissivos, restritivos ou proibitivos em relação ao uso dessas tecnologias para fins pessoais (MESSARRA; KARKOULIAN; MCCARTHY, 2011). Dentre esses diferentes posicionamentos, apontam-se diferentes estratégias e medidas de controle do uso adequado das TICs, sendo coercitivas como o monitoramento eletrônico ou mecanismos eletrônicos de bloqueio (SARPONG; REES, 2014; GLASSMAN; PROSCH; SHAO, 2015) ou mais atentas a fatores humanos como o ato de informar, dialogar, educar e capacitar os indivíduos na utilização benéfica dessas tecnologias (OZLER; POLAT, 2012).

Em suma, revisando a literatura, constata-se que o uso das TICs para fins pessoais no ambiente de trabalho trata-se de um complexo fenômeno que pode manifestar-se através de diferentes práticas, suscitadas por diferentes antecedentes, tanto organizacionais quanto individuais, e ocasionar diferentes conseqüentes, que podem ser negativos ou positivos. Assim como as organizações podem posicionar-se de maneira distinta quanto a esse uso, adotando diferentes estratégias ou medidas de controle. Tal síntese apresenta-se na figura 1:

Figura 1 – Síntese do Uso das TICs para Fins Pessoais no Ambiente de Trabalho



Fonte: Elaborado pelos autores com base em Blanchard e Henle (2008), Lara e Mesa (2010), Doorn (2011), Messarra, Karkoulian e McCarthy (2011), Macedo (2012), Ozler e Polat (2012), König e De La Guardia (2013), Askew et al. (2014), Betts et al. (2014), Glassman, Prosch e Shao (2015), Jandaghi et al. (2015), Sheikh, Atashgah e Adibdadegan (2015), Cao et al. (2016), Derin e Gökçe (2016), Holguin (2016), Keser, Kavuk e Numanoglu (2016), Huma et al. (2017), Salinas e Farfán (2017), Koay, Soh e Chew (2017), Soh, Koay e Chew (2017), Tomczak, Lanzo e Aguinis (2017) e Abbasi (2018).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A fim de alcançar o objetivo proposto, a presente pesquisa utilizou-se de uma combinação entre a bibliometria e a sociometria. De acordo com Rostaing (1996), a bibliometria é o método que viabiliza ao pesquisador uma análise da atividade científica sobre determinado tema por meio da mensuração de publicações e de elementos extraídos dessas

publicações. A sociometria, quando empregada na análise de produções acadêmicas, proporciona um mapeamento, formalização gráfica e quantificação das relações de coautoria (arestas) entre dois ou mais pesquisadores (nós) de uma rede visando compreender características da rede como um todo além dos autores mais centrais ou importantes (WASSERMAN; FAUST, 1999; RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015). Nesse sentido, em virtude das características dos métodos adotados, o estudo qualifica-se como de caráter descritivo, especificando atributos e propriedades das publicações acerca do uso das TICs para fins pessoais no ambiente de trabalho analisadas, e abordagem quantitativa, tratando essas informações coletadas de maneira numérica e estatística (RICHARDSON, 2012; SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).

Escolheu-se como plataforma de pesquisa o Portal de Periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) que reúne e disponibiliza um acervo de mais de 38 mil publicações com texto completo oriundas de 134 bases referenciais. A primeira seleção de artigos foi feita mediante a opção busca avançada no portal a partir de diferentes terminologias utilizadas para referir-se ao uso das TICs para fins pessoais no ambiente de trabalho na língua inglesa encontradas em leituras prévias dos pesquisadores, sendo elas: *Counterproductive Use of Technology*, *Cyberloafing / Cyber Loafing / Cyber-loafing*, *Cyberslacking / Cyber Slacking / Cyber-slacking*, *Goldbricking*, *Internet Abuse (at Work / in the Workplace)*, *Junk Computing*, *Non-work-related Computing / Internet Use / Use of Social Media in the Workplace*, *Personal Internet Use (at Work) / Personal Use of the Internet at Work* e *Workplace Internet Leisure Browsing*. Realizou-se também buscas a partir das terminologias supracitadas traduzidas pelos autores para o português com base no dicionário Cambridge (Inglês – Português), sendo elas Cibervadiagem, Abuso da Internet / Computador e Uso Pessoal de Internet no Trabalho.

A partir dessa primeira triagem, selecionaram-se apenas os artigos oriundos de periódicos revisados por pares e, após leitura de seus conteúdos, mantiveram-se somente os que concentravam-se prioritariamente no uso das TICs para fins pessoais no ambiente de trabalho. Por fim, excluíram-se os resultados duplicados, repetidos das buscas anteriores, em dois idiomas, dissonantes, indisponíveis ou em outros formatos, derivando 113 artigos para a presente análise. As informações dos artigos foram organizadas no Excel pelos pesquisadores.

Sendo assim, para a análise bibliométrica determinaram-se as variáveis de análise: ano de publicação, aspectos relacionados ou abordados junto ao tema principal, palavras-chave, terminologias utilizadas, natureza da pesquisa, abordagem e método de pesquisa e periódico de publicação. A escolha por essas variáveis justificam-se por permitirem analisar o andamento dos estudos sobre o uso das TICs para fins pessoais no ambiente de trabalho ao longo do tempo, além de demonstrarem o foco dos autores dentro dessa temática e como que estão sendo metodologicamente desenvolvidas as pesquisas.

Para a análise sociométrica foram utilizadas métricas de análise de redes sociais com auxílio do software Gephi 0.9.1. Para analisar a rede como um todo, aplicou-se a métrica de Densidade que indica o quanto a rede de coautoria é coesa e interconectada, relacionando suas conexões efetivas com o número máximo de conexões possíveis (BORGATTI et al., 2009). Para identificar os principais autores na rede, utilizaram-se as métricas de Grau de Centralidade (SHAW, 1964) que aponta a quantidade de conexões que cada autor possui com os demais; Grau de Centralidade Ponderado (ABBASI; ALTMANN, 2011) que indica a força e solidez da conexão entre autores; Centralidade de Intermediação (FREEMAN, 1979) que sinaliza o quanto cada autor conecta demais autores, intermediando-os e reduzindo distâncias na rede de coautoria; Centralidade de Proximidade (SABIDUSSI, 1966) que indica o quanto cada autor encontra-se próximo dos demais; e Centralidade de Autovetor (BONACICH, 1972) que mede a centralidade das conexões de cada autor. Cabe ressaltar que, para melhor observação, foi usado o algoritmo de visualização de grafos Fruchterman-Reingold, que

permite distribuir os autores de forma igual no espaço, deixando suas conexões uniformes e refletindo a simetria inerente a rede (FRUCHTERMAN; REINGOLD, 1991).

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Foram selecionados 113 artigos científicos cuja temática principal é o uso das TICs para fins pessoais no ambiente de trabalho para análise bibliométrica e sociométrica a partir do portfólio do Portal de Periódicos da CAPES. Tais artigos estão demonstrados em ordem cronológica no quadro 1, evidenciando seus autores, ano de publicação e aspectos investigados acerca do fenômeno em pauta, classificados em Tipos de Práticas, Antecedentes, Consequentes ou Posicionamento Organizacional e controle.

Quadro 1 - Artigos Analisados Na Presente Pesquisa

Artigo	Aspectos do uso das TICs para fins pessoais no ambiente de trabalho
Miles et al. (2001)	Consequentes
Lavoie; Pychyl (2001)	Antecedentes
Block (2001)	Posicionamento organizacional e controle
Lim; Teo; Loo (2002)	Tipos de práticas
Anandajaran (2002)	Posicionamento organizacional e controle
Greenfield; Davis (2002)	Posicionamento organizacional e controle
Lim (2002)	Antecedentes
Urbaczewski; Jessup (2002)	Posicionamento organizacional e controle
Griffiths (2003)	Tipos de práticas, antecedentes, posicionamento organizacional e controle
Young; Case (2004)	Posicionamento organizacional e controle
Valli (2004)	Consequentes
Johnson; Indvik (2004)	Consequentes, posicionamento organizacional e controle
Larsen; Sorebo (2005)	Antecedentes
Lim; Teo (2005)	Tipos de práticas e antecedentes
Batchelor; Townsend (2006)	Posicionamento organizacional e controle
Alder; Noel; Ambrose (2006)	Posicionamento organizacional e controle
De Lara; Tacoronte; Ding (2006)	Posicionamento organizacional e controle
De Lara (2006)	Posicionamento organizacional e controle
Whitty; Carr (2006)	Posicionamento organizacional e controle
Phillips; Redie (2007)	Antecedentes
Guthrie; Gray (2007)	Tipos de práticas, consequentes, posicionamento organizacional e controle
De Lara (2007)	Antecedentes
Seymour; Nadasen (2007)	Antecedentes e controle
Chou; Sinha; Zhao (2008)	Posicionamento organizacional e controle
Chen; Chen; Yang (2008)	Antecedentes
Blanchard; Henle (2008)	Antecedentes e tipos de práticas
Garrett; Danziger (2008)	Antecedentes
Johnson; Rawlins (2008)	Consequentes, posicionamento organizacional e controle
Pee; Woon; Kankanhalli (2008)	Antecedentes
Ugrin; Pearson (2008)	Posicionamento organizacional e controle
Garrett; Danziger (2008)	Antecedentes
Thatcher; Wretschko; Fridjon (2008)	Antecedentes
Henle; Blanchard (2008)	Antecedentes, posicionamento organizacional e controle
De Lara (2009)	Antecedentes
Henle; Kohut; Booth (2009)	Posicionamento organizacional e controle
De Lara (2009)	Antecedentes
Bock; Ho (2009)	Tipos de práticas, antecedentes, consequentes, posicionamento organizacional e controle
Strader; Simpson; Clayton (2009)	Tipos de práticas
De Lara; Mesa (2010)	Posicionamento organizacional e controle
Weatherbee (2010)	Tipos de práticas

Grodzinsky; Gumbus; Lilley (2010)	Posicionamento organizacional e controle
Akman; Mishra (2010)	Tipos de práticas
Griffiths (2010)	Tipos de práticas, antecedentes, posicionamento organizacional e controle
Kidwell (2010)	Antecedentes, posicionamento organizacional e controle
Ramayah (2010)	Consequentes
Young (2010)	Posicionamento organizacional e controle
Bock et al. (2010)	Antecedentes
Eivazi (2011)	Posicionamento organizacional e controle
Kim; Byrne (2011)	Terminologias
Lieberman et al (2011)	Antecedentes
Coker (2011)	Consequentes
Vitak; Crouse; LaRose (2011)	Antecedentes
Messarra; Karkoulian; McCarthy (2011)	Posicionamento organizacional e controle
Restubog et al. (2011)	Antecedentes
Piotrowski (2012)	Produção científica
Lim; Chen (2012)	Antecedentes e consequentes
Ozler; Polat (2012)	Tipos de práticas, antecedentes, consequentes, posicionamento organizacional e controle
Contreras; Oliveira; Muller (2012)	Posicionamento organizacional e controle
Wagner et al. (2012)	Antecedentes
Rose (2013)	Antecedentes e consequentes
Jia; Jia; Karau (2013)	Antecedentes
Lucero; Allen; Elzweig (2013)	Posicionamento organizacional e controle
Wickramasinghe; Nisaf (2013)	Antecedentes, consequentes, posicionamento organizacional e controle
Wang; Tian; Shen (2013)	Antecedentes e controle
Ugrin; Pearson (2013)	Posicionamento organizacional e controle
Moody; Siponen (2013)	Antecedentes
Sarpong; Rees (2014)	Posicionamento organizacional e controle
Gallegos; Salinas (2014)	Tipos de práticas
O'Neill; Hambley; Chatellier (2014)	Antecedentes
Askew et al. (2014)	Antecedentes
Betts et al. (2014)	Antecedentes
König; De La Guardia (2014)	Consequentes
O'Neill; Hambley; Bercovich (2014)	Antecedentes
Andreassen; Torsheim; Pallesen (2014)	Antecedentes
Breems; Basden (2014)	Antecedentes
Cheng et al. (2014)	Antecedentes, posicionamento organizacional e controle
Jandaghi et al. (2015)	Terminologias, tipos de práticas, antecedentes e consequentes
Rahimnia; Reza; Mazidi (2015)	Posicionamento organizacional e controle
Banerjee; Singh (2015)	Consequentes
Ford et al. (2015)	Posicionamento organizacional e controle
Paulsen (2015)	Tipos de práticas e antecedentes
Page (2015)	Tipos de práticas e consequentes
Sheikh; Sharifi; Adibzadegan (2015)	Antecedentes
Zhang et al (2015)	Antecedentes
Corgnet; Hernán-Gonzalez; McCarter (2015)	Antecedentes, posicionamento organizacional e controle
Glassman; Prosch; Shao (2015)	Posicionamento organizacional e controle
Gözü; Anandajaran; Simmers (2015)	Antecedentes e consequentes
Aghaz; Sheikh (2016)	Antecedentes
Hojjati; Sarvineh (2016)	Consequentes
West; Bowman (2016)	Posicionamento organizacional e controle
Koch; Nafziger (2016)	Antecedentes, posicionamento organizacional e controle
Shrivastava; Sharma; Marimuthu (2016)	Tipos de práticas
Sergeeva et al. (2016)	Consequentes
Son; Park (2016)	Antecedentes
Carlson et al. (2016)	Tipos de práticas e consequentes
Ng; Shao; Liu (2016)	Antecedentes e consequentes

Keser; Kavuk; Numanoglu (2016)	Antecedentes
Kim et al. (2016)	Antecedentes
Mercado; Giordano; Dilchert (2017)	Antecedentes e consequentes
Koay; Soh; Chew (2017)	Antecedentes e consequentes
Hadlington; Parsons (2017)	Consequentes
De Lara; Viera-Armas (2017)	Antecedentes
Akbulut; Dönmez; Dursun (2017)	Tipos de práticas
Khansa et al. (2017)	Posicionamento organizacional e controle
Huma et al. (2017)	Antecedentes
Koay; Soh; Chew (2017)	Antecedentes
Kim; Christensen (2017)	Antecedentes
Cappellozza; De Moraes; Muniz (2017)	Antecedentes e consequentes
Luo et al. (2018)	Antecedentes e consequentes
Pindek; Krajcevska; Spector (2018)	Antecedentes
Shrivastava; Sharma; Marimuthu (2018)	Antecedentes e consequentes
Kim (2018)	Antecedentes, Posicionamento organizacional e controle
Li et al. (2018)	Antecedentes

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa

Os 113 artigos analisados foram publicados no intervalo de tempo do ano de 2001 até 2018. Os anos de 2015 e 2016 apresentaram os maiores números de publicações, onze em cada, sendo seguidos pelos anos de 2008, 2014 e 2017 com dez publicações cada e 2010 com nove. Cabe ressaltar que foram identificadas somente cinco publicações no ano de 2018 visto que a coleta de dados e seleção dos artigos decorreu-se somente até o mês de maio do ano em questão.

Quanto aos aspectos relacionados ou abordados junto ao uso das TICs para fins pessoais no ambiente de trabalho, percebeu-se que grande parcela das publicações analisadas (63 artigos ou aproximadamente 54%) busca identificar, investigar e/ou analisar possíveis antecedentes do fenômeno em pauta. Isto é, pode-se auferir que os estudiosos do tema priorizam a compreensão de diferentes fatores, tanto pessoais e individuais quanto organizacionais e laborais, que podem vir a anteceder, suscitar ou contribuir de alguma forma para sua ocorrência. Também considerou-se significativo o número de publicações que examinam questões relacionadas ao posicionamento organizacional e controle do uso das TICs para fins pessoais no ambiente de trabalho: 44 artigos (ou 36% das publicações analisadas). Tais estudos envolvem a discussão acerca de diferentes posicionamentos organizacionais em relação ao uso das TICs no ambiente de trabalho além de possíveis estratégias ou medidas de controle desse uso para fins pessoais.

Esses resultados condizem com os achados de Piotrowki (2012) que, a partir da análise bibliométrica de 62 artigos, identificou um maior número de estudos acerca de possíveis antecedentes do uso das TICs para fins pessoais no ambiente de trabalho, seguidos por estudos sobre políticas, medidas e mecanismos de controle desse uso. Em seu artigo, Piotrowski (2012) ainda ressaltou a lacuna de estudos sobre a temática relacionados à geração digital e a estratégias de controle atentas a fatores humanos. Kim (2018) abordou a geração *millenials* em seu estudo, entretanto, a segunda lacuna apontada por Piotrowski ainda não foi discutida, perdendo espaço para estudos sobre estratégias coercitivas de controle.

Dentre a temática uso das TICs para fins pessoais no ambiente de trabalho relacionada com diferentes aspectos como seus antecedentes, consequentes, tipos de práticas, controle e etc., pode-se identificar 256 diferentes palavras-chave utilizadas nos 113 artigos analisados que podem ser visualizadas na figura 2.

Como palavras-chave proeminentes entre as demais, cita-se “*cyberloafing*”, com 41 aparições, “internet” com 22, “*cyberslacking*” com 10, “comportamento dos empregados” com 9, “ambiente de trabalho” com 8, “organizações” e “uso do computador não relacionado ao trabalho” com 7, “autocontrole”, “justiça” e “personalidade” com 6 e “dependência de

no ambiente de trabalho é dispersa, ou seja, poucos autores pesquisam e publicam de maneira conjunta.

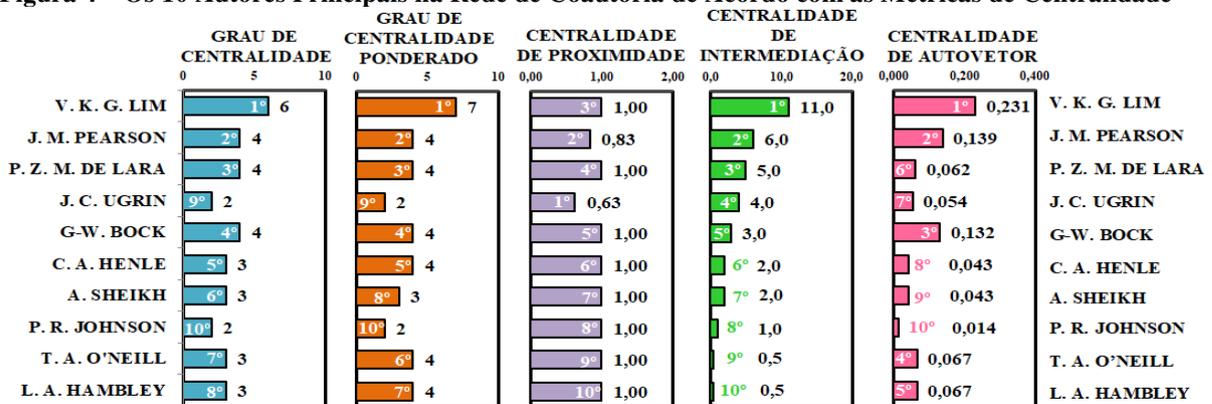
Figura 3 – Sociograma da rede de coautoria dos artigos analisados na presente pesquisa



Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados da pesquisa e auxílio do software Gephi 0.9.1

No sociograma apresentado na figura 3, o tamanho de cada nó reflete sua centralidade de intermediação enquanto a espessura de cada aresta reproduz a força ou solidez das relações, medida pela quantidade de vezes em que os referidos autores publicaram juntos. Para uma melhor visualização dos principais autores acerca do uso das TICs para fins pessoais no ambiente de trabalho, apresenta-se na figura 4 uma classificação dos 10 principais autores do tema de acordo com sua centralidade:

Figura 4 – Os 10 Autores Principais na Rede de Coautoria de acordo com as Métricas de Centralidade



Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados da pesquisa.

Assim como o sociograma apresentado na figura 3, a elaboração da figura 4 se deu a partir dos 10 autores que apresentaram maior valor de Centralidade de Intermediação. Estes foram ordenados de 1º (mais importante) a 10º, do maior valor ao menor (exceto na medida de proximidade cujo menor valor significa uma maior centralidade). Em casos de valores repetidos na medida de centralidade de intermediação realizou-se a classificação de acordo com a ordem alfabética de A a Z enquanto nas demais métricas seguiu-se a ordem do maior valor de centralidade de intermediação ao menor.

Nesse sentido, pode-se considerar V. K. G. LIM como a autora mais central nas pesquisas sobre o uso das TICs para fins pessoais no ambiente de trabalho de acordo com as métricas de grau de centralidade, grau de centralidade ponderado, centralidade de

intermediação e centralidade de autovetor (SHAW, 1964; FREEMAN, 1979; BONACICH, 1972; ABBASI; ALTMANN, 2011). Ou seja, além de possuir o maior número de relações de coautoria, essas relações podem ser consideradas mais fortes que as demais, o que pode ser explicado pela publicação de mais de um artigo com os mesmos coautores. Ademais, V. K. G. LIM desempenha o mais significativo papel de intermediação entre os demais autores na rede e publica junto com pesquisadores consideravelmente relevantes.

Outros dois pesquisadores importantes na rede de coautoria sobre a temática em questão são J. M. PEARSON e P. Z. M. DE LARA, ambos com o mesmo número e força de relações com os demais autores (SHAW, 1964; ABBASI; ALTMANN, 2011). J. M. PEARSON, por sua vez, salienta-se por apresentar o segundo maior valor de centralidade de proximidade, centralidade de intermediação e centralidade de autovetor. Nesse sentido, além de situar-se em uma posição mais próxima dos demais na rede (valor esse superado somente por J. C. UGRIN, que possui o maior valor de centralidade de proximidade) (SABIDUSSI, 1966), ainda desempenha importante papel de intermediação e publica com pesquisadores relevantes na rede (FREEMAN, 1979; BONACICH, 1972). Já P. Z. M. DE LARA, apesar de também desempenhar um significativo papel intermediador, possui o sexto lugar em centralidade de autovetor, isto é, os autores com quem possui relações de coautoria não são tão centrais na rede (FREEMAN, 1979; BONACICH, 1972).

Dentre esses 248 autores identificados nos 113 artigos analisados na presente pesquisa, pode-se discernir 138 universidades diferentes, salientando-se a Universidade Nacional de Singapura e a Universidade de Las Palmas de Gran Canarias, presentes em 7 artigos cada, a Universidade Estadual da Califórnia e a Universidade do Sul de Illinois em 4 artigos cada e Universidade da Carolina do Norte presente em 3 artigos. Por fim, também pode-se apontar 27 países diferentes, com destaque para os Estados Unidos, presente em 50 artigos, o Reino Unido, em 11 artigos e Singapura, Espanha e Austrália presentes em 8 artigos cada. Foram constatados somente 2 artigos com autores brasileiros.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os resultados analisados anteriormente, pode-se concluir que a presente pesquisa auferiu seu objetivo geral de analisar a produção científica sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação para fins pessoais no ambiente de trabalho. Identificou-se no Portal de Periódicos da CAPES 113 artigos científicos, publicados no período de tempo entre o ano de 2001 e maio de 2018. 2015 e 2016 foram os anos com maior número de publicações, onze em cada. Dentre os 113 artigos, pode-se discernir 68 periódicos diferentes, evidenciando o *Computers in Human Behavior* com 24 artigos publicados. Em relação à metodologia, pode-se constatar uma predominância de artigos empíricos, quantitativos e com o uso do método *survey*.

De maneira geral, pode-se auferir que significativa parte dos estudos sobre o uso das TICs para fins pessoais no ambiente de trabalho almeja identificar, analisar e compreender os possíveis antecedentes do fenômeno, além de políticas, estratégias e medidas de controle por parte das organizações. As palavras-chave mais utilizadas foram “cyberloafing”, com 41, “internet” com 22 e “cyberslacking” com 10 aparições, enquanto dentre as terminologias adotadas para referir-se ao tema salienta-se “Cyberloafing / Cyber Loafing / Cyber-loafing” com 46 aparições, seguida pela variação de “Uso pessoal da internet / tecnologia / web / celular / e-mail (no / durante) (contexto / ambiente) de trabalho” com 18.

Já em relação à rede de coautoria sobre o uso da TICs para fins pessoais no ambiente de trabalho, mapeou-se uma rede não direcionada constituída por 248 nós (pesquisadores) e 266 arestas (conexões de coautoria) e caracterizada como dispersa, devido ao baixo valor resultante da métrica de densidade ($d=0,009$). Pode-se considerar V. K. G. LIM como a autora mais central nas pesquisas acerca do tema, seguida por J. M. PEARSON e P. Z. M. DE LARA. A Universidade Nacional de Singapura e a Universidade de Las Palmas de Gran

Canarias, destacaram-se por estarem presentes em 7 artigos cada. Assim como os Estados Unidos, em evidência por estar presente em 50 artigos.

Sendo assim, buscou-se contribuir para a literatura sobre o uso das TICs para fins pessoais no ambiente de trabalho proporcionando uma visão panorâmica, sob perspectiva bibliométrica e sociométrica, dos estudos já realizados com foco no tema em questão. Outrossim, tendo em vista que, dentre os 113 artigos analisados, somente dois foram escritos por autores brasileiros, almejou-se, sobretudo, incentivar a realização de estudos sobre o fenômeno em contexto nacional.

Pode-se considerar a escolha por somente uma base de dados, no caso o Portal de Periódicos da CAPES, como uma limitação da pesquisa visto que esse não abrange estudos como teses e dissertações. Nesse sentido, sugere-se para pesquisas futuras uma análise bibliométrica e sociométrica no Catálogo de teses e dissertações da CAPES ou na base de dados do Google Acadêmico, visto que este pode fornecer mais resultados em contexto brasileiro. Por fim, pode-se dizer que o uso das TICs para fins pessoais no ambiente de trabalho é um tema emergente e possui um campo de pesquisa próspero no Brasil. Sendo assim conclui-se o presente artigo com a sugestão da realização de estudos relacionados aos possíveis antecedentes, consequentes, tipos de práticas e políticas e estratégias de controle com resultados em contexto brasileiro, contribuindo tanto teoricamente quanto de maneira prática, na compreensão do fenômeno.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBASI, A.; ALTMANN, J. On the correlation between research performance and social network analysis measures applied to research collaboration networks. In: **System Sciences (HICSS)**, 44th Hawaii International Conference on. IEEE, 2011.
- AGHAZ, A.; SHEIKH, A. Cyberloafing and job burnout: An investigation in the knowledge-intensive sector. **Computers in Human Behavior**, v.62, 2016.
- AKBULUT, Y.; DÖNMEZ, O.; DURSUN, Ö. Cyberloafing and social desirability bias among students and employees. **Computers in Human Behavior**, v.72, 2017.
- AKMAN, I.; MISHRA, A. Gender, age and income differences in internet usage among employees in organizations. **Computers in Human Behavior**, v.26, n.3, 2010.
- ALDER, G.; NOEL, T.; AMBROSE, M. Clarifying the effects of Internet monitoring on job attitudes: The mediating role of employee trust. **Information & Management**, v.43, n.7, 2006.
- ANANDARAJAN, M. Internet abuse in the workplace. **Communications of the ACM**, v.45, n.1, 2002.
- ANDREASSEN, C.; TORSHEIM, T.; PALLESEN, S. Predictors of use of social network sites at work—a specific type of cyberloafing. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v.19, n.4, 2014.
- ASKEW, K. et al. Explaining cyberloafing: The role of the theory of planned behavior. **Computers in Human Behavior**, v.36, 2014.
- BANERJEE, P.; SINGH, S. Managers' Perspectives on the Effects of Online Grapevine Communication: A Qualitative Inquiry. **The Qualitative Report**, v.20, n.6, 2015.
- BATCHELOR, L.; TOWNSEND, K. A Modern Contested Terrain: Mobile Phones at Work. **Employment Relations Record**, v.6, n.1, 2006.
- BETTS, T. et al. Explaining cyberloafing through a theoretical integration of theory of interpersonal behavior and theory of organizational justice. **Business Education and Ethics**, 2018.
- BLANCHARD, A.; HENLE, C. Correlates of different forms of cyberloafing: The role of norms and external locus of control. **Computers in Human Behavior**, v.24, n.3, 2008.
- BOCK, G. et al. The role of task characteristics and organizational culture in non-work-related computing: a fit perspective. **The Database for Advances in Information Systems**, v.41, n.2, 2010.

- BOCK, G.; HO, S. Non-work related computing. **Communications of the ACM**, v.52, n.4, 2009.
- BONACICH, P. Factoring and Weighting Approaches to Status Scores and Clique Identification. **Journal of Mathematical Sociology**, v.2, n.1, 1972.
- BORGATTI, S. et al. Network Analysis in the Social Sciences. **Science**, v.323, n.5916, 2009.
- BREEMS, N.; BASDEN, A. Understanding of computers and procrastination: A philosophical approach. **Computers in Human Behavior**, v.31, 2014.
- CAPPELLOZZA, A.; MORAES, G.; MUNIZ, L. Uso Pessoal das Tecnologias no Trabalho: Motivadores e Efeitos à Distração Profissional. **Revista de Administração Contemporânea**, v.21, n.5, 2017.
- CARLSON, J. et al. Social Media Use in the Workplace: A Study of Dual Effects. **Journal of Organizational and End User Computing**, v.28, n.1, 2016.
- CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. 18ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- CHEN, J.; CHEN, C.; YANG, H. An empirical evaluation of key factors contributing to internet abuse in the workplace. **Industrial Management & Data Systems**, v.108, n.1, 2008.
- CHENG, L. et al. Understanding personal use of the Internet at work: An integrated model of neutralization techniques and general deterrence theory. **Computers in Human Behavior**, v.38, 2014.
- CHOU, C.; SINHA, A.; ZHAO, H. A text mining approach to Internet abuse detection. **Information Systems and e-Business Management**, v.6, n.4, 2008.
- COKER, B. Freedom to surf: the positive effects of workplace Internet leisure browsing. **New Technology, Work and Employment**, v.26, n.3, 2011.
- CONTRERAS, F.; OLIVEIRA, F.; MARTINS, E. Internet: monitored freedom. **Journal of Information Systems and Technology Management**, v.9, n.3, 2012.
- CORGNET, B.; HERNÁN-GONZÁLEZ, R.; MCCARTER, M. The Role of the Decision-Making Regime on Cooperation in a Workgroup Social Dilemma: An Examination of Cyberloafing. **Games**, v.6, n.4, 2015.
- DE LARA, P. Relationship between organizational justice and cyberloafing in the workplace: Has “anomia” a say in the matter?. **CyberPsychology & Behavior**, v.10, n.3, 2007.
- _____. Fear in organizations: Does intimidation by formal punishment mediate the relationship between interactional justice and workplace internet deviance?. **Journal of Managerial Psychology**, v.21, n.6, 2006.
- _____. Inequity, conflict, and compliance dilemma as causes of cyberloafing. **International Journal of Conflict Management**, v.20, n.2, 2009.
- _____. La anomia como moderador de la relación entre percepciones de justicia organizativa y el uso negligente de internet en el trabajo. **Revista de Psicología del Trabajo y de las Organizaciones**, v.25, n.2, 2009.
- DE LARA, P.; OLIVARES-MESA, A. Bringing cyber loafers back on the right track. **Industrial management & Data systems**, v.110, n.7, 2010.
- DE LARA, P.; TACORONTE, D.; DING, J. Do current anti-cyberloafing disciplinary practices have a replica in research findings? A study of the effects of coercive strategies on workplace Internet misuse. **Internet Research**, v.16, n.4, 2006.
- DE LARA, P.; VIERA-ARMAS, M. Corporate Culture as a Mediator in the Relationship Between Ethical Leadership and Personal Internet Use. **Journal of Leadership & Organizational Studies**, v.24, n.3, 2017.
- EIVAZI, K. Computer use monitoring and privacy at work. **Computer Law & Security Review**, v.27, n.5, 2011.
- FORD, J. et al. New Concerns in Electronic Employee Monitoring: Have You Checked Your Policies Lately?. **Journal of Legal, Ethical and Regulatory Issues**, v.18, n.1, 2015.
- FREEMAN, L. Centrality in Social Networks: Conceptual Clarification. **Social Networks**, v.1, 1979.

FRUCHTERMAN, T.; REINGOLD, E. Graph drawing by force-directed placement. **Software: Practice and experience**, v.21, n.11, 1991.

GABRIEL, M. **Você, Eu e os Robôs: Pequeno Manual do Mundo Digital**. São Paulo: Atlas, 2018.

GALLEGOS, W.; SALINAS, M. Ocio cibernético en trabajadores de instituciones públicas y privadas de Arequipa. **Ciencia & trabajo**, v.16, n.50, 2014.

GARRETT, R.; DANZIGER, J. On cyberslacking: Workplace status and personal Internet use at work. **CyberPsychology & Behavior**, v.11, n.3, 2008a.

_____. Disaffection or expected outcomes: Understanding personal Internet use during work. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 13, n. 4, 2008b.

GLASSMAN, J.; PROSCH, M.; SHAO, B. To monitor or not to monitor: Effectiveness of a cyberloafing countermeasure. **Information & Management**, v.52, n.2, 2015.

GÖZÜ, C.; ANANDARAJAN, M.; SIMMERS, C. Work–family role integration and personal well-being: The moderating effect of attitudes towards personal web usage. **Computers in Human Behavior**, v.52, 2015.

GREENFIELD, D.; DAVIS, R. Lost in cyberspace: The web@ work. **CyberPsychology & Behavior**, v.5, n.4, 2002.

GRIFFITHS, M. Internet abuse and internet addiction in the workplace. **Journal of Workplace Learning**, v.22, n.7, 2010.

_____. Internet abuse in the workplace: Issues and concerns for employers and employment counselors. **Journal of employment counseling**, v.40, n.2, 2003.

GRODZINSKY, F.; GUMBUS, A.; LILLEY, S. Ethical implications of internet monitoring: A comparative study. **Information Systems Frontiers**, v.12, n.4, 2010.

GUTHRIE, R.; GRAY, P. Junk computing: is it bad for an organization?. **Information Systems Management**, v.13, n.1, 1996.

HADLINGTON, L.; PARSONS, K. Can Cyberloafing and Internet Addiction Affect Organizational Information Security? **Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking**, v.20, n.9, 2017.

HENLE, C.; KOHUT, G.; BOOTH, R. Designing electronic use policies to enhance employee perceptions of fairness and to reduce cyberloafing: An empirical test of justice theory. **Computers in Human Behavior**, v.25, n.4, 2009.

HENLE, C.; BLANCHARD, A. The interaction of work stressors and organizational sanctions on cyberloafing. **Journal of Managerial Issues**, 2008.

HOJJATI, S. et al. Effect of non-work related Internet usage on stimulating employee organizational creativity. **International Journal of Advanced Networking and Applications**, v.8, n.2, 2016.

HUMA, Z. et al. Determinants of cyberloafing: a comparative study of a public and private sector organization. **Internet Research**, v.27, n.1, 2017.

JANDAGHI, G. et al. Cyberloafing management in organizations. **Iranian Journal of Management Studies**, v.8, n.3, 2015.

JIA, H.; JIA, R.; KARAU, S. Cyberloafing and personality: The impact of the Big Five traits and workplace situational factors. **Journal of Leadership & Organizational Studies**, v.20, n.3, 2013.

JOHNSON, P.; INDVIK, J. The organizational benefits of reducing cyberslacking in the workplace. **Journal of Organizational Culture, Communications and Conflict**, 2003.

JOHNSON, P.; RAWLINS, C. Employee internet management: getting people back to work. **Journal of Organizational Culture, Communications and Conflict**, v.12, n.1, 2008.

KESER, H.; KAVUK, M.; NUMANOGLU, G. The Relationship between Cyber-Loafing and Internet Addiction. **Cypriot Journal of Educational Sciences**, v.11, n.1, 2016.

KHANSA, L. et al. Cyberloafing in the workplace: mitigation tactics and their impact on individuals' behavior. **Information Technology and Management**, 2017.

KIDWELL, R. Loafing in the 21st century: Enhanced opportunities and remedies for withholding job effort in the new workplace. **Business Horizons**, v.53, n.6, 2010.

KIM, K. et al. When do employees cyberloaf? An interactionist perspective examining personality, justice, and empowerment. **Human Resource Management**, v.55, n.6, 2016.

KIM, S.; BYRNE, S. Conceptualizing personal web usage in work contexts: A preliminary framework. **Computers in Human Behavior**, v.27, n.6, 2011.

KIM, S. Managing millennials' personal use of technology at work. **Business Horizons**, v.61, n.2, 2018.

KIM, S.; CHRISTENSEN, A. The Dark and Bright Sides of Personal Use of Technology at Work: A Job Demands Resources Model. **Human Resource Development Review**, v.16, n. 4, 2017.

KOAY, K.; SOH, P.; CHEW, K. Antecedents and consequences of cyberloafing: Evidence from the Malaysian ICT industry. **First Monday**, v.22, n.3, 2017a.

_____. Do employees' private demands lead to cyberloafing? The mediating role of job stress. **Management Research Review**, v. 40, n. 9, 2017b.

KOCH, A.; NAFZIGER, J. Gift exchange, control, and cyberloafing: A real-effort experiment. **Journal of Economic Behavior & Organization**, v.131, 2016.

KÖNIG, C.; DE LA GUARDIA, M. Exploring the positive side of personal internet use at work: Does it help in managing the border between work and nonwork?. **Computers in Human Behavior**, v.30, 2014.

LARSEN, T. SOREBO, Ø. Impact of Personal Innovativeness on the Use of the Internet Among Employees at Work. 2005.

LAVOIE, J.; PYCHYL, T. Cyberslacking and the procrastination superhighway: A web-based survey of online procrastination, attitudes, and emotion. **Social Science Computer Review**, v.19, n.4, 2001.

LI, H. et al. Self-control, organizational context, and rational choice in Internet abuses at work. **Information & Management**, 2017.

LIBERMAN, B. et al. Employee job attitudes and organizational characteristics as predictors of cyberloafing. **Computers in Human behavior**, v.27, n.6, 2011.

LIM, V. The IT way of loafing on the job: Cyberloafing, neutralizing and organizational justice. **Journal of Organizational Behavior**, v. 23, n. 5, 2002.

LIM, V.; CHEN, D. Cyberloafing at the workplace: gain or drain on work?. **Behaviour & Information Technology**, v.31, n.4, 2012.

LIM, V.; TEO, T. Prevalence, perceived seriousness, justification and regulation of cyberloafing in Singapore: An exploratory study. **Information & Management**, v.42, n.8, 2005.

LIM, V.; TEO, T.; LOO, G. How do I loaf here? Let me count the ways. **Communications of the ACM**, v.45, n.1, 2002.

LUCERO, M.; ALLEN, R.; ELZWEIG, B. Managing employee social networking: evolving views from the national labor relations board. **Employee Responsibilities and Rights Journal**, v.25, n.3, 2013.

LUMIUN, Tecnologia. **Perfil de Utilização da Internet nas Empresas Ano 2017**. 2017. Disponível em: <https://www.lumiun.com/materiais/relatorio-perfil-utilizacao-internet-empresas-2017>. Acesso em: Maio de 2018.

LUO, N. et al. Can non-work-related social media use benefit the company? A study on corporate blogging and affective organizational commitment. **Computers in Human Behavior**, v.81, 2018.

MERCADO, B.; GIORDANO, C.; DILCHERT, S. A meta-analytic investigation of cyberloafing. **Career Development International**, v.22, n.5, 2017.

MESSARRA, L.; KARKOULIAN, S.; MCCARTHY, R. To restrict or not to restrict personal internet usage on the job. **Education, Business and Society**, v.4, n.4, 2011.

MILLS, J. et al. Cyberslacking! A liability issue for wired workplaces. **Cornell Hotel and Restaurant Administration Quarterly**, v.42, n.5, 2001.

MOODY, G.; SIPONEN, M. Using the theory of interpersonal behavior to explain non-work-related personal use of the Internet at work. **Information & Management**, v. 50, n. 6, 2013.

NG, J.; SHAO, I.; LIU, Y. This is not what I wanted: The effect of avoidance coping strategy on non-work-related social media use at the workplace. **Employee Relations**, v.38, n.4, 2016.

O'NEILL, T.; HAMBLEY, L.; BERCOVICH, A. Prediction of cyberslacking when employees are working away from the office. **Computers in Human Behavior**, v.34, 2014.

O'NEILL, T.; HAMBLEY, L.; CHATELLIER, G. Cyberslacking, engagement, and personality in distributed work environments. **Computers in Human Behavior**, v.40, 2014.

OZLER, D.; POLAT, G. Cyberloafing phenomenon in organizations: Determinants and impacts. **International Journal of eBusiness and eGovernment Studies**, v.4, n.2, 2012.

PAGE, D. Teachers' personal web use at work. **Behaviour & Information Technology**, v.34, n.5, 2015.

PAULSEN, R. Non-work at work: Resistance or what?. **Organization**, v.22, n.3, 2015.

PEE, L.; WOON, I.; KANKANHALLI, A. Explaining non-work-related computing in the workplace: A comparison of alternative models. **Information & Management**, v.45, n.2, 2008.

PHILLIPS, J.; REDDIE, L. Decisional style and self-reported email use in the workplace. **Computers in Human Behavior**, v.23, n.5, 2007.

PINDEK, S.; KRAJCEVSKA, A.; SPECTOR, P. Cyberloafing as a coping mechanism: Dealing with workplace boredom. **Computers in Human Behavior**, 2018.

PINOCHET, L. **Tecnologia da Informação e Comunicação**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

PIOTROWSKI, C. Cyberloafing: A content analysis of the emerging literature. **Journal of Instructional Psychology**, v. 39, n. 3/4, 2012.

RAHIMNIA, F.; MAZIDI, A. Functions of control mechanisms in mitigating workplace loafing; evidence from an Islamic society. **Computers in Human Behavior**, v.48, 2015.

RAMAYAH, T. Personal web usage and work inefficiency. **Business Strategy Series**, v.11, n.5, 2010.

RECUERO, R.; BASTOS, M.; ZAGO, G. **Análise de Redes para Mídia Social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RESTUBOG, S. et al. Yielding to (cyber)-temptation: Exploring the buffering role of self-control in the relationship between organizational justice and cyberloafing behavior in the workplace. **Journal of Research in Personality**, v.45, n.2, 2011.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. 3ª Ed. São Paulo: Atlas, 2012.

RINKER, C.; BESSI, V. **A utilização de redes sociais no ambiente de trabalho: a visão de gestores e usuários**. XXXIX Encontro da ANPAD. Belo Horizonte, 2015.

ROSE, E. Access denied: Employee control of personal communications at work. **Work, employment and society**, v.27, n.4, 2013.

ROSTAINING, H. **La bibliométrie et ses techniques**. Toulouse: Sciences de la société, n.38; Marseille: Centre de Recherche Rétrospective de Marseille, 1996.

SABIDUSSI, G. The centrality index of a graph. **Psychometrika**, v.31, n. 4, 1966.

SAMPIERI, R. COLLADO, C; LUCIO, M. **Metodologia de Pesquisa**. 5ª Ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SARPONG, S.; REES, D. Assessing the effects of 'big brother' in a workplace: The case of WAST. **European Management Journal**, v.32, n.2, 2014.

SERGEEVA, A. et al. Mobile devices in the operating room: Intended and unintended consequences for nurses' work. **Health informatics journal**, v.22, n.4, 2016.

SEYMOUR, L.; NADASEN, K. Web access for IT staff: a developing world perspective on web abuse. **The Electronic Library**, v.25, n.5, 2007.

SHAW, M. E. Communication networks. **Advances in experimental social psychology**. Academic Press, v.1, 1964.

SHEIKH, A.; ATASHGAH, M.; ADIBZADEGAN, M. The antecedents of cyberloafing: A case study in an Iranian copper industry. **Computers in Human Behavior**, v.51, 2015.

SHRIVASTAVA, A.; SHARMA, M.; MARIMUTHU, P. Internet addiction at workplace and its implication for workers life style: Exploration from Southern India. **Asian journal of psychiatry**, v.32, 2018.

_____. Internet use at workplaces and its effects on working style in indian context: An exploration. **Indian journal of occupational and environmental medicine**, v.20, n.2, 2016.

SON, J; PARK, J. Procedural justice to enhance compliance with non-work-related computing rules: Its determinants and interaction with privacy concerns. **International Journal of Information Management**, v.36, n.3, 2016.

STRADER, T; SIMPSON, L.; CLAYTON, S. Using computer resources for personal activities at work: Employee perceptions of acceptable behavior. **Journal of International Technology and Information Management**, v.18, n.3, 2009.

THATCHER, A.; WRETSCHKO, G.; FRIDJHON, P. Online flow experiences, problematic Internet use and Internet procrastination. **Computers in Human Behavior**, v. 24, n. 5, 2008.

UGRIN, J.; PEARSON, J. The effects of sanctions and stigmas on cyberloafing. **Computers in Human Behavior**, v.29, n.3, 2013.

_____. Exploring Internet abuse in the workplace: How can we maximize deterrence efforts?. **Review of business**, v.28, n.2, 2008.

URBACZEWSKI, A.; JESSUP, L. Does electronic monitoring of employee internet usage work?. **Communications of the ACM**, v.45, n.1, 2002.

VALLI, C. Non-business use of the WWW in three Western Australian organisations. **Internet Research**, v.14, n.5, 2004.

VITAK, J.; CROUSE, J.; LAROSE, R. Personal Internet use at work: Understanding cyberslacking. **Computers in Human Behavior**, v.27, n.5, 2011.

WAGNER, D. et al. Lost sleep and cyberloafing: Evidence from the laboratory and a daylight saving time quasi-experiment. **Journal of Applied Psychology**, v.97, n.5, 2012.

WANG, J.; TIAN, J.; SHEN, Z. The effects and moderators of cyber-loafing controls: an empirical study of Chinese public servants. **Information Technology and Management**, v.14, n.4, 2013.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. **Social Network Analysis: Methods and Applications**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

WEATHERBEE, T. Counterproductive use of technology at work: Information & communications technologies and cyberdeviancy. **Human Resource Management Review**, v.20, n.1, 2010.

WEST, J.; BOWMAN, J. Electronic surveillance at work: An ethical analysis. **Administration & Society**, v.48, n.5, 2016.

WHITTY, M.; CARR, A. New rules in the workplace: Applying object-relations theory to explain problem Internet and email behaviour in the workplace. **Computers in Human Behavior**, v.22, n.2, 2006.

WICKRAMASINGHE, V.; NISAF, M. Organizational policy as a moderator between online social networking and job performance. **VINE**, v.43, n.2, 2013.

YOUNG, K. Policies and procedures to manage employee Internet abuse. **Computers in Human Behavior**, v. 26, n. 6, 2010.

YOUNG, K.; CASE, C. Internet abuse in the workplace: new trends in risk management. **CyberPsychology & Behavior**, v.7, n.1, 2004.

ZHANG, H. et al. The dampening effect of employees' future orientation on cyberloafing behaviors: the mediating role of self-control. **Frontiers in psychology**, v.6, 2015.